

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO “CARLOS ALBERTO REYS
MALDONADO”**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

GÉSSICA KAROLINE SIMONCELE

A NASALIZAÇÃO NA LÍNGUA KITHÄUHLU

**Cáceres - MT
2025**

GÉSSICA KAROLINE SIMONCELE

A NASALIZAÇÃO NA LÍNGUA KITHÁUHLU

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do Professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

**Cáceres - MT
2025**

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

S594n Simoncele, Géssica Karoline.

A NASALIZAÇÃO NA LÍNGUA KITHÂUHLU / Géssica Karoline
Simoncele. - Cáceres, 2025.
39f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Mestrado Academico,
Universidade Do Estado De Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado".

Orientador: WELLINGTON PEDROSA QUINTINO.

1. Nambikwara. 2. Kithâuhlu. 3. fonologia. I. QUINTINO,
WELLINGTON PEDROSA. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 811.3

GÉSSICA KAROLINE SIMONCELE

A NASALIZAÇÃO NA LÍNGUA KITHÁUHLU

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Orientador PPGL/UNEMAT

Prof. Dra. Francineli Cezarini Lara
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Prof. Dra. Mônica Cideli da Cruz
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Evandro de Souza Bonfim,
Avaliadora Externo- UFScar

APROVADA EM: 12/12/2025

Dedico esse trabalho a Deus, pela coragem nos dias difíceis e pela graça que me
permitiu chegar até aqui.

Aos meus pais, que sempre acreditaram na força dos meus passos e me ensinaram o valor da
educação.

E a mim mesma, por ter persistido quando duvidei, por ter encontrado força onde achei que não
havia, e por ter chegado até o fim.

AGRADECIMENTOS

A caminhada até aqui não foi fácil, mas certamente foi transformadora. Ao longo deste percurso, aprendi que uma dissertação é escrita com muito mais do que livros e dados: ela é feita também de apoio, afeto e resistência.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me sustentado nos momentos de dúvida e cansaço. Aos meus pais, Joaquim Simoncele e Maria Aparecida Simoncele, minha base e porto seguro, por acreditarem em mim mesmo quando eu mesma hesitei. Às minhas irmãs, Gislaine e Gisele, pelo carinho e pela presença constante. Obrigada pelo amor incondicional, paciência e apoio inestimável.

Ao meu orientador, Profº Dr. Wellington Quintino, minha mais profunda gratidão. Desde a graduação, no 2º semestre, quando me apresentou à Fonética e à Fonologia e me despertou o amor por esse campo de estudo, sua dedicação tem sido fundamental na minha trajetória. Foi ele quem me apresentou e ensinou a respeitar e admirar o povo Kithaulu, abrindo meus olhos para a importância de valorizar e documentar uma das línguas da família Nambikwara. Obrigada por acreditar em mim quando eu insistia em desistir, por se dedicar ao meu crescimento acadêmico e humano, por me apoiar e me ajudar a caminhar mesmo quando eu quis parar. Este trabalho é fruto, também, da sua generosidade, confiança e orientação firme.

Às minhas amigas, Ana Cláudia, Julia Filgueira e Helen Firmiano, por sempre acreditarem que eu seria capaz e por me motivarem nos momentos em que a caminhada parecia mais difícil.

Ao meu colega de faculdade e companheiro de caminhada, José Gabriel Pereira, que esteve ao meu lado desde o início da trajetória acadêmica, sempre me motivando e apoiando em cada etapa.

Ao Mário Sérgio, por todo apoio, paciência e incentivo nessa reta final, tornando possível que eu concluísse este trabalho com mais coragem e leveza.

Aos professores e professoras que contribuíram com seus saberes ao longo da minha trajetória acadêmica, meu sincero reconhecimento. Cada disciplina, cada leitura sugerida, cada provocação intelectual me trouxe até aqui.

E, por fim, a mim mesma. Por ter resistido. Por não ter desistido. Por ter acreditado, ainda que aos pedaços, que eu era capaz.

Muito obrigada.

*“Uma língua indígena não é apenas
comunicação: é território, cultura,
espiritualidade e identidade”
(Marcos Terena, *A terra é mãe*, 1992).*

RESUMO

Este trabalho inscreve-se na Área de Concentração em Linguística, na linha de pesquisa *Estudos de Processos Descritivos, de Análise e Documentação de Línguas Indígenas*. A investigação revisita criticamente a descrição fonológica dos traços nasais da língua Kithãuhlu, pertencente à família linguística Nambikwara, situada na região Centro-Oeste do Brasil. O estudo fundamenta-se em uma revisão descritivo-analítica de pesquisas anteriores, especialmente teses, dissertações e documentos linguísticos, dedicados ao estudo da língua e da população Kithãuhlu. A partir dessa documentação prévia, realiza-se uma revisão detalhada dos inventários fonético e fonológico da língua Kithãuhlu. A análise evidencia aspectos pouco discutidos na literatura, com ênfase nos processos de nasalização, permitindo propor ajustes e sugestões ao quadro fonêmico da língua, particularmente no que se refere à classificação de segmentos nasais e às suas variantes alofônicas. Os resultados reforçam a importância de revisões sistemáticas em estudos fonológicos de línguas indígenas, contribuindo para o aprimoramento das descrições existentes e para a valorização e preservação das línguas originárias.

Palavras-chave: Nambikwara; Kithãuhlu; fonologia; revisão fonêmica; nasalização; línguas indígenas.

ABSTRACT

This study is situated within the Concentration Area of Linguistics, in the research line *Descriptive Processes, Analysis, and Documentation of Indigenous Languages*. The investigation critically revisits the phonological description of nasal features in the Kithãuhlu language, a member of the Nambikwara linguistic family located in the Central-West region of Brazil. The study is based on a descriptive-analytical review of previous research, particularly theses, dissertations, and linguistic documentation, dedicated to the study of the Kithãuhlu language and its speakers. Drawing on this existing documentation, the work conducts a detailed examination of the phonetic and phonological inventories of Kithãuhlu. The analysis highlights aspects that remain underexplored in the literature, especially processes of nasalization, and proposes adjustments and suggestions to the phonemic inventory of the language, particularly concerning the classification of nasal segments and their allophonic variants. The results reinforce the importance of systematic revisions in the phonological study of Indigenous languages, contributing to the refinement of existing descriptions and to the preservation and valorization of Brazil's original languages.

Keywords: Nambikwara; Kithãuhlu; phonology; phonemic revision; nasalization; Indigenous languages.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
SEÇÃO I.....	11
Os Nambikwaras	12
1.1 A família linguística Nambikwara	14
1.2 O povo Kithãulu.....	15
SEÇÃO II.....	18
FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA NASALIZAÇÃO	18
2.1 A nasalização na família Nambikwara	19
2.2 A nasalização na língua Kithãulu	00
2.3 A nasalização na língua XX.....	00
SEÇÃO III	22
INVENTÁRIO FONÉTICO E FONOLÓGICO DO KITHÃULU	21
3.1 Inventário fonético das vogais do Kithãulu	22
3.2 Inventário fonético das consoantes do Kithãulu.....	30
3.3 Inventário fonológico das vogais do Kithãulu.....	40
3.4 Inventário fonológico das consoantes do Kithãulu.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	60

INTRODUÇÃO

A documentação e análise das línguas indígenas brasileiras têm ocupado um espaço cada vez mais central no cenário acadêmico, seja pelo valor intrínseco desses patrimônios linguísticos, seja pela urgência de sua preservação diante dos riscos de desaparecimento e das profundas transformações socioculturais que atingem muitos desses povos. A língua Kithãuhlu, pertencente à família linguística Nambikwara, é representativa desse cenário: embora configure um sistema de notável complexidade fonológica e expressiva riqueza segmental, ainda carece de descrições detalhadas que abordem de modo sistemático fenômenos fonológicos específicos, como o da nasalização.

Entre os diversos traços distintivos presentes nas línguas indígenas do Brasil, a nasalização destaca-se não apenas por sua frequência empírica, mas também, pela variedade de funções que desempenha nos diferentes sistemas linguísticos, englobando desde a distinção de segmentos isolados até padrões mais amplos de propagação suprasegmental. Quintino (2012) ressalta a importância de compreender a nasalidade como um fenômeno dinâmico, não restrito ao plano fonético, mas integral ao funcionamento estrutural de muitas línguas naturais. Esse panorama adquire especial relevância entre as línguas da família Nambikwara e, em particular, na língua Kithãuhlu, onde a nasalização surge como traço estruturante tanto nos domínios das vogais quanto das consoantes, exigindo análises minuciosas quanto à sua distribuição, propagação e restrições fonológicas.

A despeito das importantes contribuições já fornecidas por Passos (2013, 2022), Telles (2012), Marques (2022) e Santana (2010) para o conhecimento fonológico das línguas Nambikwara, ainda há lacunas significativas na descrição dos processos de nasalização especificamente em Kithãuhlu, principalmente em relação à delimitação do quadro fonológico da língua e às interações do traço nasal com outros elementos estruturais. Muitas análises ainda se restringem ao plano comparativo, deixando em aberto pontos cruciais relativos à organização interna do sistema fonológico do Kithãuhlu, os quais só podem ser compreendidos a partir de um mergulho empírico e crítico em dados específicos e atualizados.

Este trabalho tem como objetivo investigar o processo de nasalização na língua Kithãuhlu, buscando descrever o funcionamento segmental e suprasegmental do traço [nasal], identificar padrões de distribuição, propagação e bloqueio desse traço e analisar suas interações com outros aspectos do sistema fonológico, como a laringalização e o

contorno tonal, além de promover uma reflexão crítica sobre as propostas para o quadro fonológico consonantal e vocálico dessa língua à luz de dados recentes e da literatura especializada.

A metodologia adotada fundamenta-se na análise de dados orais transcritos fonética e fonologicamente, especialmente, a partir dos dados da tese de Passos (2022) junto à comunidade Kithãuhlu, complementados por observações de campo e revisões de literatura específica sobre fonologia de línguas indígenas e processos de nasalidade. O respaldo teórico reside nos princípios da fonologia de traços, bem como, nos aportes de autores clássicos como Pike (1971), Ladefoged & Maddieson (1996), Cagliari (2002), e nas discussões recentes sobre nasalização propostas por Quintino (2012), Walker (1998, 2000) e Clements (1985).

A estrutura do estudo propõe-se a, inicialmente, contextualizar os aspectos históricos, socioculturais e linguísticos do povo Kithãuhlu e da família Nambikwara, para então avançar na análise fonológica pormenorizada do sistema, focalizando o papel central da nasalização e a necessária atualização do quadro fonológico proposto para a língua. O estudo busca, além de contribuir para o panorama científico sobre a língua Kithãuhlu, oferecer subsídios para ações de documentação, revitalização e valorização cultural, reconhecendo a centralidade das comunidades indígenas na gestão de seus conhecimentos linguísticos.

Diante desse quadro, espera-se que esta pesquisa amplie a compreensão dos fenômenos de nasalização no Kithãuhlu, propondo um panorama atualizado do seu quadro fonológico e, ao mesmo tempo, reforçando a importância das investigações fonológicas aprofundadas e sistemáticas para as línguas indígenas brasileiras.

SEÇÃO I

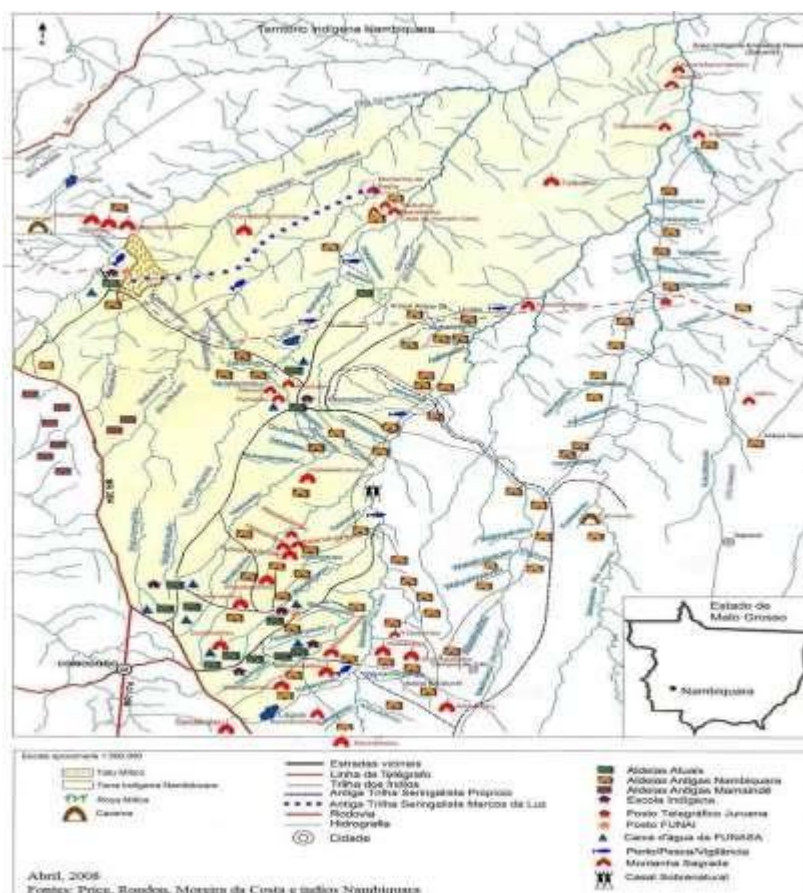
OS NAMBIKWARAS

A trajetória dos Nambikwara se estende por séculos, revelando um percurso de encontros, transformações e resiliência que se inicia já no início do século XVIII, quando registros etnográficos mencionavam esses povos sob diferentes designações – entre elas Beíço de Pau, Tamararé, Cabixi Bravo, Nambikuara e Nhambiquara (Costa, 2009, p. 77). Tais múltiplos nomes evidenciam as diversas percepções dos primeiros observadores europeus, que, ao longo do tempo, foram gradualmente agrupando essas populações sob um único etnônimo. Um ponto de inflexão ocorreu durante a expedição do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, quando os guias, utilizando um termo de origem tupi-guarani que significa “orelha furada” (Nambi, “orelha”; kuára, “furo”), passaram a designar esses indígenas de forma unificada. Segundo registros, "foi a partir da expedição de Rondon que os indígenas, até então denominados de diversas maneiras, passaram a ser coletivamente chamados de Nambikwara" (PIB Socioambiental, 2018), consolidando a nomenclatura que perdura até os dias atuais.

Os povos Nambikwara ocupam tradicionalmente vastas áreas do centro-oeste brasileiro, com incidência predominante nos estados de Mato Grosso e Rondônia. A região abrange ecossistemas variados, que vão do cerrado à floresta amazônica, além de zonas de transição entre esses biomas. Essa diversidade ambiental, que se manifesta em solos aluviais, variações na vegetação e na hidrografia, tem sido determinante para a organização dos modos de vida e a adaptação das comunidades Nambikwara (Price, 1972; Costa, 2009; Viana, 2009).

Entretanto, o contato com os europeus, trouxe consequências dramáticas para os Nambikwara. No decorrer do século XX, epidemias de sarampo, gripe e outras doenças infecciosas dizimaram vastos contingentes populacionais, forçando uma profunda reorganização interna e a reinvenção dos modos de vida desses povos. Lévi-Strauss (1948) observa que tal processo levou os sobreviventes a adaptarem suas práticas culturais e sociais diante de uma nova realidade marcada pela violência e pelo isolamento, enquanto Price (1972) destaca que os limites territoriais dos Nambikwara estavam fortemente vinculados à navegabilidade dos rios, os quais definiram e, ao mesmo tempo, restringiram a expansão e o crescimento dos seus grupos.

No início do século XX, estimativas populacionais dos Nambikwara variavam conforme os registros de diferentes pesquisadores. David Price indicava uma população aproximada de 5.000 indivíduos, enquanto Lévi-Strauss sugeria um número significativamente maior, em torno de 10.000. No entanto, em suas anotações de 1938, Lévi-Strauss revisou essa estimativa para um número bem inferior, entre 2.000 e 3.000 pessoas. Com base nos levantamentos realizados por David Price (1972), na Comissão Rondon (1909) e nos estudos de Costa (2008), o antropólogo e geógrafo Moreira da Costa reinterpretou, em 2008, um mapa que ilustra a extensão territorial ocupada pelos Nambikwara antes da demarcação. Esse material foi utilizado na tese de doutorado de Costa (2008) com o objetivo de representar visualmente a área tradicionalmente habitada por esse povo.



Fonte: Costa (2008)

A partir da segunda metade do século XX, o estudo dos Nambikwara ganhou notoriedade na antropologia, sobretudo com as contribuições de Claude Lévi-Strauss, que ressaltou que "a vida familiar e social dos Nambikwara revela uma complexa teia de relações, na qual os laços de parentesco e as práticas culturais se entrelaçam de forma singular" (Lévi-Strauss, 1948). Paralelamente, as pesquisas de David Price possibilitaram uma compreensão aprofundada das variações linguísticas e dos aspectos territoriais desses povos, demonstrando que as diferenças dialetais observadas não se restringem a simples variações, mas refletem trajetórias históricas e processos de segmentação cultural que demandam o reconhecimento dos Nambikwara como povos autônomos. Nas primeiras classificações, pesquisadores como Price (1972) propuseram uma divisão dos Nambikwara em três grandes grupos: Nambikwara do Norte, do Sul e do Cerrado. Contudo, tal abordagem tem sido alvo de críticas por não refletir a autopercepção dos indígenas, que, segundo Oliveira e Pereira (2009), não se reconhecem como integrantes de um "grupo" homogêneo, mas sim como povos autônomos com línguas e tradições próprias.

Oliveira e Pereira (2009, p. 88) afirmam que "o emprego dos termos grupo e subgrupo pode induzir à ideia equivocada de uma essência primordial única, negligenciando as especificidades que se manifestam na diversidade real dos povos indígenas". Essa perspectiva reforça a necessidade de tratarmos cada povo de forma independente – o que justifica, neste estudo, o emprego dos termos "Família Linguística Nambikwara" para designar o conjunto de línguas e "povo Kithãuhlu" para a comunidade específica de interesse.

[...]categorias subgrupo e parcialidade merecem uma avaliação crítica à luz das contribuições mais recentes da teoria antropológica voltada para a análise dos grupos étnicos. Em grande parte dos estudos sobre os grupos falantes de língua Nambikwara as categorias subgrupo e parcialidade são usadas de forma equivocada, imprecisa e essencialista. Isto porque passa a impressão da existência de um único grupo primordial, o Nambikwara, do qual todos os "subgrupos" descenderiam. Assim sendo, os atuais subgrupos tendem a ser apresentados como a atualização incompleta de uma suposta essência Nambikwara, esta sim, completa, primordial e perfeitamente legítima. Esta forma de apresentação de grupos étnicos atuais como referidos a uma suposta identidade que transcende sua experiência social, contraria os avanços feitos no campo dos estudos sobre etnicidade [...] (Pereira, 2009, p. 69).

Relatos orais indicam que cada comunidade possuía práticas e narrativas históricas próprias, reforçando a ideia de que os Nambikwara não podem ser reduzidos a um simples aglomerado de indivíduos, mas sim reconhecidos como povos com identidades singulares.

Diante deste contexto, a história dos Nambikwara revela não apenas um percurso de perdas e desafios, mas também um notável processo de resiliência e reinvenção cultural. Os encontros com o mundo externo, as epidemias e as imposições territoriais forçaram esses povos a adaptarem-se e a preservar seus saberes tradicionais, mantendo viva sua memória histórica e cultural. Como enfatiza Price (1972), "a dispersão e o isolamento relativo dos Nambikwara fizeram com que cada comunidade desenvolvesse uma identidade singular", o que evidencia a importância de reconhecer e valorizar as especificidades de cada povo.

Em síntese, a história dos Nambikwara é marcada por transformações profundas que se refletem tanto nos aspectos sociais quanto linguísticos, ressaltando a necessidade de uma abordagem que contemple a diversidade interna desses povos.

Este primeiro capítulo busca, portanto, oferecer uma visão abrangente dos principais eventos e processos históricos que moldaram a trajetória dos Nambikwara, servindo de base para a análise dos aspectos culturais e linguísticos que serão aprofundados ao longo desta dissertação.

1.1 A família linguística Nambikwara

A família linguística Nambikwara compreende um conjunto de línguas indígenas faladas majoritariamente na região centro-oeste do Brasil, sobretudo no estado de Mato Grosso, estendendo-se também para áreas de Rondônia. Embora, ao longo do século XX, esses povos tenham sido frequentemente descritos como um único grupo linguístico, estudos posteriores demonstram que a diversidade interna é significativa, refletindo trajetórias históricas próprias e resultando em línguas mutuamente ininteligíveis (Price, 1977; Oliveira; Pereira, 2009). Essa constatação levou à consolidação da família como um conjunto formado por línguas autônomas, cada qual com sua estrutura fonológica, morfológica e lexical.

Do ponto de vista classificatório, a família é tradicionalmente dividida em três subconjuntos: Northern Nambikwara, Central Nambikwara e Southern Nambikwara. Essa divisão, inicialmente proposta em estudos etnográficos como os de Price (1977) e posteriormente desenvolvida em análises linguísticas (Cardoso-Santana, 2010; Telles, 2012; Marques, 2022), reflete tanto agrupamentos geográficos e socioculturais quanto distinções fonológicas e gramaticais robustas. Cada subconjunto reúne línguas com traços estruturais próprios, cuja comparação revela contrastes importantes para a compreensão da história interna da família.

O Northern Nambikwara, situado no norte do território tradicional, abrange variedades como Latundê, Mamaindê, Negarotê e Tawandê (Lowe, 1999; Telles, 2012). Esse subconjunto é reconhecido como o mais conservador da família, preservando traços fonéticos pouco comuns no conjunto das línguas amazônicas, entre eles a ocorrência de consoantes implosivas, como /b/ e /d/, documentadas em particular no Mamaindê e no Latundê (Lowe, 1999). Os inventários consonantais das línguas do norte tendem a ser mais amplos, apresentando distinções fonéticas e fonológicas ausentes em outros subconjuntos.

O Central Nambikwara, localizado na área central do território histórico, inclui línguas como Manduka, Wakalitesu, Sawentésu e Alantesu. Esse conjunto se caracteriza pela presença de sistemas tonais binários com função distintiva (Telles, 2012; Marques, 2022), além de apresentar uma morfologia marcadamente polissintética, sobretudo no domínio verbal, como descrito por Cardoso-Santana (2010). A documentação mais extensa sobre esse subconjunto o torna particularmente relevante para o estudo comparativo da família.

O Southern Nambikwara, situado no sul da área tradicional, reúne línguas como Sararé, Halotesu, Wasusu e Kithaulu, esta última foco da presente pesquisa. As análises comparativas mais antigas já sugeriam relativa proximidade estrutural entre essas variedades (Price, 1977), observação confirmada em trabalhos mais recentes (Marques, 2022). Em comparação aos demais subconjuntos, o Southern apresenta inventários fonológicos mais reduzidos, embora preserve traços fundamentais da família, como a tonalidade lexical (Telles, 2012).

A diversidade interna das línguas Nambikwara ultrapassa a noção de simples variação dialetal. Como observa Viana (2009, p. 101), “a diferenciação entre as línguas Nambikwara vai além de variantes regionais, refletindo trajetórias históricas distintas e processos de segmentação cultural que exigem uma análise aprofundada”. Essa

diversidade é evidente em níveis segmentais, suprasegmentais e morfossintáticos, reforçando a relevância da família para estudos tipológicos.

No domínio fonético-fonológico, a família apresenta características recorrentes que orientam a análise das variedades individuais. Os inventários consonantais variam de moderados a amplos, incluindo oclusivas, fricativas, nasais, aproximantes e, em algumas variedades do Northern, consoantes implosivas, um traço raro no cenário amazônico (Lowe, 1999; Telles, 2012). Em várias línguas, há também contraste entre oclusivas simples e aspiradas, distinções fortis–lenis e alofonias condicionadas por posição silábica e processos morfológicos (Telles, 2012).

Os sistemas vocálicos tendem a ser estáveis, com o conjunto /i, e, a, o, u/ e correspondentes nasais. Alguns estudos apontam alternâncias condicionadas por fatores morfofonológicos, como apagamento ou elevação vocálica em certos contextos (Cardoso-Santana, 2010). A nasalidade desempenha papel expressivo e pode envolver harmonia nasal ou propagação ao longo da palavra — fenômenos amplamente descritos em línguas indígenas do Brasil.

A tonalidade constitui aspecto central da fonologia da família. Em grande parte das línguas Nambikwara, o tom possui função distintiva, geralmente em sistemas binários (alto/baixo), com padrões sensíveis a fronteiras sintáticas, estruturas morfológicas ou processos de incorporação verbal (Telles, 2012; Marques, 2022). O papel do tom nas funções lexicais e gramaticais evidencia o grau de complexidade prosódica dessas línguas.

A fonotática privilegia sílabas do tipo CV, embora estruturas CVC e CCV ocorram em determinadas variedades, sobretudo em decorrência de processos morfológicos como incorporação e aglutinação (Viana, 2009; Cardoso-Santana, 2010). A presença de codas é restrita e tende a envolver segmentos como nasais e oclusivas não liberadas. A morfologia altamente polissintética das línguas Nambikwara cria ambientes que desencadeiam ajustes fonológicos, como assimilação, apagamento vocálico e alterações tonais, fenômenos descritos em estudos comparativos e em descrições individuais (Telles, 2012).

Essa caracterização fonético-fonológica oferece um panorama robusto da diversidade interna da família Nambikwara. Apresentar a variedade Kithaulu nesse contexto permite compreender tanto os aspectos compartilhados pelas línguas do grupo quanto as particularidades estruturais que emergem de cada subconjunto, constituindo base sólida para as análises fonológicas desenvolvidas nos capítulos seguintes.

Por esse motivo, nesta pesquisa iremos nos propor a descrever os processos de nasalização ocorridos na língua Kithãuhlu, como um dos aspectos que poderão contribuir para uma melhor compreensão da dinâmica fonológica dessa língua. A análise desses processos não só enriquecerá o panorama da fonologia indígena, mas também fornecerá subsídios para a implementação de políticas de preservação linguística e cultural.

SEÇÃO II

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA NASALIZAÇÃO

A nasalização constitui um dos traços fonológicos mais relevantes e produtivos em diversas línguas naturais, e seu funcionamento tem atraído a atenção de diversos estudiosos da fonologia não apenas pela sua complexidade segmental, mas também por seu papel prosódico e estrutural. Segundo Quintino (2012), a nasalização deve ser compreendida não como um traço fonético isolado, mas como um fenômeno sistemático e estruturado, capaz de atravessar fronteiras segmentais e se propagar por domínios fonológicos maiores, como sílabas e palavras inteiras

Quintino destaca que a nasalidade pode se manifestar tanto como traço fonológico distintivo quanto como traço propagável, atuando por meio de processos de harmonia nasal. Nesses casos, o traço [nasal] não se restringe ao segmento onde é articulatoriamente realizado, mas tende a se estender a segmentos vizinhos, promovendo a nasalização progressiva ou regressiva de consoantes e vogais. Tal comportamento é indicativo de uma organização fonológica em que a nasalidade atua de forma assimilatória, muitas vezes moldada por restrições estruturais da língua.

Outro ponto importante levantado por Quintino (2012) diz respeito à permeabilidade dos segmentos à propagação da nasalidade. Nem todos os segmentos são igualmente suscetíveis à harmonia nasal: há uma hierarquia fonológica que determina quais classes de sons permitem ou bloqueiam essa propagação. Esse tipo de organização revela que a nasalidade interage de modo sistemático com outras propriedades fonológicas, como vozeamento, sonoridade e lugar de articulação.

Além disso, o autor ressalta que a nasalização está frequentemente envolvida em processos fonológicos mais amplos, como a neutralização de contrastes em determinados contextos fonotáticos ou a reorganização da estrutura silábica. Em muitos casos, a presença de nasalidade modifica a permissibilidade de certos segmentos no onset ou na coda silábica, o que reforça sua atuação também em nível prosódico.

Para sustentar suas análises, Quintino (2012) recorre a uma série de trabalhos fundamentais da literatura sobre nasalidade, citando autores como Matisoff (1975), Clements (1985) e Walker (1998, 2000), que abordam o fenômeno tanto do ponto de vista fonético quanto fonológico. A partir desses referenciais, a nasalização é compreendida como um traço dinâmico, altamente relevante para a descrição e análise de línguas cujos sistemas fonológicos são profundamente estruturados por esse fenômeno.

2.1 A nasalização em línguas da família Nambikwara e em Kithāuhlu

A nasalização constitui um traço articulatorio de grande relevância nas línguas indígenas brasileiras, apresentando papel distintivo e, em muitos casos, suprasegmental. No âmbito da família Nambikwara, o fenômeno é recorrente e já foi documentado em diferentes variedades, sobretudo em trabalhos que descrevem aspectos fonéticos e fonológicos das línguas Sararé, Mamaindê, Sabanê e Manduka. O presente capítulo busca situar a variedade Kithaulu dentro desse panorama, tendo como base os dados coletados por Passos (2022) junto a falantes nativos.

Os estudos sobre nasalização na família Nambikwara, embora não numerosos, apresentam contribuições importantes. A análise mais detalhada do fenômeno em uma língua do grupo foi realizada por Cardoso-Santana (2010) sobre o Sararé. A autora identificou que a nasalidade não se restringe às vogais, mas pode estender-se a consoantes adjacentes, evidenciando processos de assimilação nasal progressiva e regressiva. Em Sararé, segmentos oclusivos lenes tendem a nasalizar parcialmente quando vizinhos de vogais nasais; além disso, há casos de propagação da nasalidade a partir de morfemas adjacentes, sugerindo comportamento suprasegmental em domínios maiores que a sílaba.

Em seguida, Telles (2012) ao analisar o Mamaindê, descreveu um sistema fonológico em que a nasalização vocálica possui papel distintivo, mas apresenta forte dependência da estrutura prosódica. O autor verificou que a nasalidade pode ser condicionada por fatores morfológicos, ocorrendo especialmente nos contextos de incorporação nominal, nos quais a propagação tonal e a nasalidade frequentemente interagem. Em Mamaindê, a nasalização pode estender-se por toda a palavra fonológica, indicando que o traço [nasal] apresenta também comportamento suprasegmental.

Mais recentemente, Marques (2022) analisou a nasalização na variedade Sabanê, destacando que o sistema vocálico apresenta nasalidade contrastiva em alguns contextos, mas essa oposição nem sempre se mantém em todos os ambientes fonológicos. A autora observou que vogais médias tendem a apresentar nasalização gradiente, nem sempre correlacionada a distinções fonêmicas, o que levanta questionamentos sobre o status fonológico do traço e sobre possíveis condicionamentos alofônicos. Em Sabanê, a nasalidade é predominantemente coarticulatória, embora alguns pares mínimos tenham sido identificados.

Além desses trabalhos centrais, estudos descritivos mais gerais — como os de Lowe (1999) para o Northern Nambikwara — mencionam nasalização vocálica e consonantal, ainda que de forma mais restrita. No Manduka e no Wakalitesu (descritos em Cardoso-Santana 2010 e revisados por Telles 2012), há registros de nasalização parcial em consoantes lenes e evidências de harmonia nasal limitada a domínios morfológicos.

Apesar dessas contribuições, observa-se que não há ainda uma descrição específica da nasalização na variedade Kithaulu, pertencente ao Southern Nambikwara. Embora Telles (2012) e Marques (2022) mencionem traços gerais da nasalidade no Southern, nenhuma dessas análises dedica atenção exclusiva ao sistema nasal dessa variedade. Desse modo, as informações mais detalhadas disponíveis até o momento são aquelas apresentadas por Passos (2022) na tese *Aspectos Fonéticos e Fonológicos da Língua Kithãulhu*, cuja base empírica sustenta as análises desenvolvidas no presente trabalho.

Partindo desse panorama, adotamos a hipótese de que a nasalidade no Kithaulu apresenta propriedades que permitem tanto uma análise segmental quanto uma abordagem suprasegmental, uma vez que processos de nasalização coarticulatória são recorrentes em consoantes contíguas a vogais nasais. Além disso, buscamos verificar se há, como em Sararé e Mamaindê, evidências de propagação de [nasal] para além do segmento, atuando em domínios maiores, como sílaba, pé ou palavra fonológica.

Os dados examinados foram coletados por Passos (2022) em pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto coordenado pela Prof^a Dra. Mônica Cidele Cruz (CNPq), junto ao povo Kithaulu. O corpus conta principalmente com produções do consultor Carlos Sul Kithãulhu, cuja participação permitiu a documentação de pares mínimos, formas morfológicamente complexas e variação fonética relevante. Essa base empírica possibilita uma análise detalhada do comportamento do traço [nasal] no Kithaulu, tanto no plano segmental quanto no suprasegmental, contribuindo para ampliar o entendimento sobre a nasalização na família Nambikwara e para preencher uma lacuna deixada por estudos anteriores.

SEÇÃO III

INVENTÁRIO FONÉTICO E FONOLÓGICO DA LINGUA KITHÄUHLU

A descrição rigorosa do sistema fonético e fonológico é fundamental para qualquer análise aprofundada do funcionamento de um traço fonológico específico em uma língua, como é o caso da nasalização na língua Kithäuhlu da família linguística Nambikwara. A delimitação precisa das unidades segmentais e suas variantes permite identificar padrões, restrições e possibilidades de propagação do traço [nasal], além de situar esse fenômeno em relação ao conjunto mais amplo do sistema fonológico da língua.

Para tanto, este capítulo apresenta a sistematização do inventário fonético e fonológico do Kithäuhlu, partindo de dados secundários coletados e transcritos por Alessandra Figueiredo Kraus Passos em sua tese de doutorado, intitulada *Aspectos Fonéticos e Fonológicos da Língua Kithäuhlu* (2022). Embora a autora proponha hipóteses próprias sobre a estrutura fonológica do Kithäuhlu, neste trabalho nos limitamos à utilização empírica de seu levantamento de dados, abstendo-nos de adotar integralmente suas análises interpretativas. O objetivo é desenvolver uma leitura fonológica autônoma, fundamentada na observação sistemática dos contextos fonéticos e das regularidades distribucionais do traço [nasal].

A seguir, apresentamos o panorama do inventário fonético das vogais, consoantes e demais elementos suprasegmentais documentados por Passos (2022), seguido pela síntese do inventário fonológico, que será a base para a análise detalhada dos padrões de nasalização no capítulo subsequente.

3.1 Inventário fonético das vogais do Kithäuhlu

A análise dos sons vocálicos representa etapa central na descrição fonético-fonológica de uma língua, sobretudo em línguas indígenas brasileiras, em que traços como nasalidade, laringalização e as distinções tonais podem adquirir diferentes funções linguísticas. Em Kithäuhlu, conforme levantamento fonético apresentado por Passos (2022), observam-se múltiplos graus de abertura, além de combinações entre oralidade, nasalidade, laringalização e realização tonal. Esse inventário evidencia não apenas a complexidade articulatória das vogais na língua, mas também, os potenciais ambientes nos quais a nasalização pode emergir e propagar-se, o que será analisado nos próximos capítulos.

Quadro fonéticas das vogais Kithāuhlu ²⁴								
	oral	Oral prolongada	nasal	Nasal prolongada	laringal	Laringal prolongada	Laringal nasal	Laringal nasal prolongada
anterior alta	i ¹ i ² i ³	i ³ : i ³ ::	ĩ i ¹ i ²	ĩ:	i ¹ i ² i ³	i ³ :	ĩ	ĩ ¹ : i ² : i ³ :
anterior média alta	e ¹ e ² e ³	e ¹ ::	ẽ ¹ ẽ ² ẽ ³	ẽ ³ ::	e ² e ³		ẽ ¹ ẽ ² ẽ ³	
central baixa	a ¹ a ² a ³	a ² : a ² :: a ³ :	ẽ ¹ ẽ ² ẽ ³	ẽ ² ::	ã ¹ a ² a ³	ã ² : a ³ :	ẽ ¹ ẽ ² ẽ ³	
posterior alta	u ¹ u ² u ³		ũ ² ũ ³	ũ ¹ : ũ ¹ :: ũ ² : ũ ³ :	u ¹ u ² u ³	u ³ :	ũ ² ũ ³	ũ ¹ : ũ ³ :
posterior média alta	o ¹ o ² o ³				o ¹ o ² o ³	o ¹ :		

adaptado de Passos, 2022, p. 85

3.2 Inventário fonético das consoantes da língua Kithāuhlu

A caracterização fonética do inventário consonantal é fundamental para a descrição do sistema sonoro de uma língua, sendo que as línguas indígenas brasileiros costumam apresentar inventários consonantais ricos e tipologicamente diversos (Ladefoged & Maddieson, 1996, Cagliari, 2002;).

A organização do inventário consonantal de Kithāuhlu reflete não só a variedade de modos e pontos de articulação, mas também a presença de traços suprasegmentais—como aspiração, nasalidade secundária ou pré-aspiração. Conforme Maddieson (1984) e Blevins (2006), o detalhamento desses segmentos é necessário para mapear os contextos possíveis de propagação ou bloqueio da nasalidade, além de permitir a análise de alternâncias entre segmentos orais e nasais. O quadro a seguir sintetiza o inventário consonantal documentado por Passos (2022), evidenciando a riqueza desse sistema.

Consoantes fonéticas da língua Kithãuhlu					
	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b	t		k	ʔ
Oclusiva pré-nasalizada		^ⁿ t ^ⁿ d		^ᵛ k ^ᵛ g	
Oclusiva pós-nasalizada		t^ⁿ			
Oclusiva pós-aspirada		t^h		k^h	
Oclusiva não explodida		t			
Nasal	m	n		ŋ	
Nasal pré-aspirada		^h n			
Nasal pré-glotalizada		^ʔ n			
Nasal não explodida		m			
Nasal não explodida		n			
Tap		r			
Tap pré-aspirado		^h r			
Fricativa		s			h
Fricativa não explodida					h
Africada		ts tʃ			
Africada pré-nasalizada		^ⁿ ts ^ⁿ tʃ ^ⁿ dʒ			
Glide	ɰ		j		
Glide pós-nasalizado	ɰ^m		j^ⁿ		
Líquida		l			
Líquida pré-aspirada		^h l			
Implosiva		f ɖ			
Implosiva pré-nasalizada		^ⁿ ɖ			

adaptado de Passos, 2022, p. 129

3.3 Inventário fonológico das vogais da língua Kithãuhlu

A identificação dos fonemas vocálicos de uma língua é imprescindível para a delimitação dos padrões fonológicos e para a compreensão dos processos ativos em seu sistema sonoro. No Kithãuhlu, Passos (2022) aplica critérios clássicos da fonologia

estruturalista, como distribuição contrastiva e busca de pares mínimos, a fim de delimitar quais qualidades vocálicas se configuram como fonemas. Dessa análise, resultou um inventário em que se reconhecem não apenas vogais orais, mas também pares contrastivos de nasalidade e laringalização, além do registro sistemático dos três tons que incidem nas realizações das vogais. O quadro a seguir resume os fonemas vocálicos identificados para o Kithãuhlu, segundo a proposta da autora:

Vogais fonológicas da língua Kithãuhlu				
	Orais	Nasais	Laringais	Laringais nasais
anterior alta	i ¹ i ² i ³	ĩ ¹ ĩ ² ĩ ³	ĩ ² ĩ ³	ĩ ³
anterior média alta	e ² e ³	ẽ ¹ ẽ ² ẽ ³	ẽ ³	ẽ ¹ ẽ ² ẽ ³
central baixa	a ¹ a ² a ³	ũ ² ũ ³	ã ² ã ³	ũ ² ũ ³
posterior alta	u ¹ u ² u ³	ũ ² ũ ³	ũ ¹ ũ ² ũ ³	ũ ¹ ũ ³
posterior média alta	o ¹ o ² o ³		o ¹ o ² o ³	

3.4 Inventário fonológico das consoantes da língua Kithãuhlu.

A delimitação do inventário fonológico das consoantes da língua Kithãuhlu também se fundamenta em critérios tradicionais de análise, em particular a observação da distribuição segmental e a identificação de oposições pertinentes no sistema. Passos (2022) propõe um inventário consonantal abrangente, destacando a presença de consoantes orais, nasais, líquidas, aproximantes, africadas e implosivas, além de propor o segmento [ŋ] como fonema contrastivo no sistema. A seguir, apresenta-se o quadro fonológico consonantal, tal como defendido pela autora com base nos dados disponíveis:

Consoantes fonológico da língua Kithāuhlu					
	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t		k	ʔ
Oclusiva pré-nasalizada				ᵑk	
Oclusiva pós-aspirada		tʰ			
Nasal	m	n		ŋ	
Nasal pré-aspirada		ᵑn			
Tap		r			
Tap pré-aspirado		ᵑr			
Fricativa		s			h
Africada		ts tʃ			
Africada pré-nasalizada		ᵑts			
Glide	ɰ		j		
Líquida		l			
Implosiva		f			

adaptado de Passos, 2022, p. 129

A apresentação dos inventários fonético e fonológico **da língua Kithāuhlu**, fundamentados nos dados sistematizados por Passos (2022), possibilita delimitar com clareza os principais traços segmentais e as oposições relevantes do sistema sonoro da língua. Esses quadros servem de subsídio para a investigação e discussão dos processos fonológicos que se seguem, em especial quanto ao funcionamento e à distribuição do traço [nasal], tema central dos próximos capítulos.

SEÇÃO IV

ANÁLISE DOS PROCESSOS DE NASALIZAÇÃO NA LINGUA KITHÄUHLU

Com os inventários fonético e fonológico da língua Kithäuhlu organizados a partir da sistematização apresentada por Passos (2022), este capítulo inaugura a análise dos fenômenos de nasalização que permeiam o sistema segmental da língua. Considerando as categorias e oposições descritas anteriormente, busca-se aqui investigar de que modo o traço [nasal] se manifesta, propaga ou encontra restrições em domínios segmentais e suprasegmentais, bem como, discutir o funcionamento desse traço à luz de aportes teóricos recentes da fonologia.

O principal objetivo é confrontar os padrões atestados no corpus, avaliando sua recorrência e regularidade, e refletir criticamente sobre as propostas já postas na literatura em comparação com os dados observados nesta pesquisa. Ao longo deste capítulo, serão analisados aspectos como a distribuição das vogais e consoantes nasais, os contextos de assimilação, harmonia ou bloqueio da nasalização, e suas possíveis relações com outros traços fonológicos, como laringalização.

A metodologia adotada pauta-se na análise de exemplos extraídos do material empírico apresentado no capítulo anterior, privilegiando recortes ilustrativos e testando hipóteses por meio da identificação de pares mínimos, ambientes fonotáticos, limitações morfológicas e padrões prosódicos.

Ao final, espera-se contribuir para um entendimento mais aprofundado dos processos de nasalização em Kithäuhlu e para o debate sobre o papel desse traço nas línguas indígenas de sua família.

4.1 A nasalização em vogais: evidências de contrastividade fonológica

A determinação do estatuto fonológico de um traço, como a nasalidade, exige a demonstração de sua capacidade para distinguir significados, princípio fundamental da fonologia estruturalista (Pike, 1971; Cagliari, 2002; Blevins, 2006). Na língua Kithäuhlu, os dados levantados e analisados por Passos (2022), complementados por esta pesquisa, fornecem pares mínimos claros que atestam a natureza distintiva da nasalidade, da laringalização e de traços suprasegmentais associados ao sistema vocálico da língua.

Abaixo, apresentam-se alguns pares mínimos observados no corpus, nos quais a diferença entre vogais depende exclusivamente da presença ou ausência de nasalidade, comprovando o valor fonêmico desses traços:

As vogais /ẽ³/ e /ẽ̃³/:

(109 d) [ẽ³] /ẽ³/ [wẽ³.'nda²] /wẽ³.'nda²/ ‘palavra’

(101g) [/ẽ̃³] /ẽ̃³/ [wẽ̃³.'nda²] /wẽ̃³.'nda²/ ‘codorna’

As vogais /ẽ³/ e /e³/:

(91j) [ẽ³] /ẽ³/ [ẽ³.na³.'ra²] /ẽ³.na³.'ra²/ ‘ferver -3ªs’

(85t) [e³] /e³/ [e³.na³.'ra²] /e³.na³.'ra²/ ‘falar - 3ªs’

As vogais /ĩ³/ e /i³/:

(55) [ĩ³:] /ĩ³:/ ['ĩ³:.na³.ra²] / 'ĩ³:.na³.ra²/ ‘plantar’

(91m)[i³:] /i³:/ ['i³:.na³.ra²] / 'i³:.na³.ra²/ ‘aceso’

As vogais /ũ³/ e /ũ̃³/:

(93r) [ũ̃³] /ũ̃³/ [ũ̃³.'su²] /ũ̃³.'su²/ ‘cupinzeiro/cupim’

(93s) [ũ³] /ũ³/ [ũ³.'su²] /ũ³.'su²/ ‘capivara’

A análise dos pares mínimos apresentados evidencia inequivocamente que a nasalidade, no sistema vocálico da língua Kithãuhlu, é um traço fonológico distintivo. A presença de palavras cujo significado varia exclusivamente em função da oposição entre vogais nasais e orais, comprova que não se trata de um fenômeno apenas fonético ou alofônico, mas de um contraste estrutural, plenamente produtivo no léxico da língua.

Além da contrastividade, a distribuição das vogais nasais no corpus revela que sua ocorrência pode ser favorecida por processos assimilativos, especialmente em contextos com consoantes nasais adjacentes. Por outro lado, observa-se que tal propagação pode ser limitada por consoantes orais, particularmente obstruintes, e por fronteiras morfológicas, restringindo a extensão do traço nasal ao longo do domínio vocálico.

A distribuição da nasalidade vocálica em Kithãuhlu, além de ser contrastiva, revela importantes condicionamentos fonotáticos. Observando os exemplos do corpus, nota-se que certos contextos favorecem a propagação do traço nasal, enquanto outros

funcionam como barreiras. Entre os ambientes mais evidentes que favorecem a ocorrência da nasalização, destacam-se os contextos em que a vogal está imediatamente adjacente a uma consoante nasal, como /m/ ou /n/. Nessas posições, é frequente a assimilação da nasalidade pela vogal, fenômeno típico de línguas com harmonia nasal parcial.

Além disso, em palavras ou morfemas que apresentam uma vogal nasalizada, pode-se observar a propagação do traço a núcleos vocálicos subsequentes, desde que estejam no mesmo domínio morfológico e não haja bloqueadores fonotáticos no caminho. Esse tipo de harmonia parcial é exemplificado em sequências de sílabas com vogais nasais adjacentes, em que a nasalidade tende a ser mantida, especialmente em bases morfológicas ou vocábulos de estrutura simples.

Por outro lado, a propagação da nasalidade encontra obstáculos claros em determinados contextos. O principal fator de bloqueio é a presença de consoantes orais obstruintes, como oclusivas, fricativas ou implosivas. Quando esses segmentos intervêm entre uma vogal nasal e uma vogal oral, geralmente impedem que a nasalidade se estenda além de seu ambiente original. Isso é confirmado por exemplos em que, mesmo diante de uma vogal nasalizada em contexto inicial, a vogal subsequente se mantém oral devido à interferência de uma dessas consoantes.

Outro ambiente de bloqueio importante é a fronteira morfológica: a nasalização muitas vezes se restringe ao domínio do morfema, não sendo propagada automaticamente entre elementos compostos ou afixos. Ademais, em vocábulos mais longos ou compostos por reduplicação, a extensão da nasalidade pode ser limitada a apenas uma das bases ou partes da palavra, evidenciando a ação de limites prosódicos na delimitação desse traço.

Dessa forma, a nasalização vocálica em Kithãuhlu resulta de uma interação dinâmica entre fatores favorecedores — como adjacência a nasais e harmonia dentro de domínios morfológicos — e fatores bloqueadores — como interveniência de consoantes obstruintes e fronteiras morfofonológicas. Esse padrão reflete, tanto no plano empírico quanto no teórico, a importância da nasalidade enquanto traço fonológico sujeito a restrições estruturais específicas no sistema da língua.

4.2 As consoantes nasais na língua Kithãuhlu: análise fonológica, dados e implicações alofônicas

A análise do sistema consonantal da língua Kithãuhlu revela um quadro de nasalidade marcado por processos de assimilação fonética regulares e por uma notável

economia fonêmica, alinhando-se a padrões descritos em línguas indígenas do Brasil e do mundo (Ladefoged & Maddieson, 1996; Cagliari, 2002). Os dados levantados a seguir confirmam que apenas /m/ e /n/ são fonemas nasais consonantais, ao passo que outros segmentos, como [ŋ] e [ɲ], aparecem apenas como variantes condicionadas.

a) /m/ — Nasal bilabial

O fonema /m/ manifesta-se estável e recorrente em praticamente todas as posições de palavra, sem alternância significativa, como ilustram os exemplos:

[mɐ².mã¹.te².su²] ‘cuidado! É de outra criança’ (referente a criança menor de 5 anos)

[mã².mã¹.te².ra¹.wa²] ‘tomar cuidado’ (referente a criança menor de 5 anos)

[ka³.ma³.ta².ta³.ki³.su²] ‘gafanhoto do cambará rosa’

[ka³.ma³.ta²] ‘cambará rosa’

Nesse conjunto, observa-se que /m/ permanece foneticamente bilabial, independentemente do contexto, constituindo-se como segmento fonêmico robusto do sistema.

b) /n/ — Nasal alveolar sonora

O fonema /n/ é igualmente bem atestado e oponível em diversos contextos, como mostram, por exemplo:

[õ¹.li².'na¹.wa²] ‘engolir’

[a³.ni².nɐ³.'ra²] ‘rebentar’

[ẽ¹.nĩ².na³.'ra²] ‘oco’

[kẽ²j.nã³.'wa²] ‘pequeno’

[.'nũ¹:.a²] ‘lá’ (demonstrativo)

[a³.li².na³.'ra²] ‘caro/valor alto’

[.'nĩ¹n.nũ².la²] ‘preparar’

A distribuição fonética de /n/ é mais diversificada, apresentando duas variantes contextualmente condicionadas descritas a seguir.

c) [ŋ] — Nasal velar (alofone de /n/)

A variante velarizada [ŋ] ocorre sistematicamente diante de consoantes velares e em ambientes em que o ponto de articulação da nasal é influenciado pelo segmento subsequente. Exemplos do corpus:

[ɐ³.ŋi¹.'ti¹.ŋkã³.dũ³] ‘dar uma parada’

[ĩ³.ŋĩ¹.ta².we³.te².'a²] ‘fincar/estar preso’

[ẽ³.'ŋi¹.ða².hẽ³] ‘verbo parar’

[ẽ³.ŋi¹ʔ.tsẽ³] ‘fazer parada para...’

Em todos esses casos, a realização de /n/ como [ŋ] é previsível e inteiramente condicionada pelo contexto fonético, demonstrando tratar-se de alofonia por assimilação, não de oposição fonêmica.

d) [ɲ] — Nasal palatal (possível alofone de /n/)

Embora menos frequente nos dados coletados, a presença de [ɲ] limita-se a ambientes de assimilação diante de segmentos palatais. Não há pares mínimos que oponham [ɲ] a [n] ou [ŋ], sendo, consequentemente, interpretado como alofone de /n/ em contextos palatais, como sugerido também por Passos (2022).

Diversos exemplos do corpus evidenciam a flexibilidade articulatória do fonema /n/, que adapta seu ponto de articulação de acordo com o segmento subsequente, devido a processos de assimilação fonética. Em contextos em que /n/ ocorre antes de consoantes velares, observa-se claramente sua velarização, como em [ˈnẽ¹.ŋkã³.ʔdũ³] ‘portanto’, onde /n/ é realizado como [ŋ] por contato com /k/.

Em exemplos como [ˈa¹jⁿ.nũ².la²] ‘levando’ e [ˈnĩ¹ⁿ.nũ².la²] ‘preparar’, a notação fonética indica a ocorrência de assimilação de nasalidade entre segmentos consecutivos, fenômeno esperado em cadeias nasais ou quando há influência de morfemas adjacentes, mas sem criação de nova oposição fonêmica. Esses casos ilustram a natureza dinâmica dos processos de assimilação no sistema nasal **da língua Kithâuhlu**, nos quais a variedade de alofones de /n/ é inteiramente previsível pelo contexto articulatorio imediato, reforçando seu estatuto de único fonema nasal alveolar da língua diante de um amplo espectro de realizações fonéticas.

4.3 Síntese e quadro geral da alofonia nasal

A diversidade de realizações observada pode ser sistematizada conforme o quadro:

Contexto fonético	Realização de /n/
Antes de vogal não-palatal e não-velar	[n]
Antes de consoante velar (/k/, /g/, etc.)	[ŋ]
Antes de segmento palatal (/j/, /i/, /ĩ/)	[ɲ]
Outros contextos	[n]

De acordo com a literatura fonológica clássica (Pike, 1971; Ladefoged & Maddieson, 1996; Cagliari, 2002), apenas segmentos que apresentam contraste funcional em idênticos contextos podem ser considerados fonemas. Os dados fonológicos do Kithãuhlu demonstram que [ŋ] e [ɲ] nunca aparecem em oposição contrastiva com /n/, sendo sempre dependentes do contexto fonético, enquadrando-se, assim, como alofones articulatorios. Dessa forma, o inventário fonêmico consonantal nasal da língua inclui apenas /m/ e /n/, além das variantes [ŋ] e [ɲ] como realizações previsíveis, reflexo dos processos de assimilação vigentes no sistema.

4.4 Revisão do quadro fonológico da língua Kithãuhlu

A presente análise do sistema consonantal da língua Kithãuhlu, fundamentada em dados empíricos originais e nos princípios clássicos de contraste funcional, permitiu uma revisão significativa do inventário fonêmico da língua. Os dados coletados e descritos, ao longo deste capítulo, demonstram que as nasais consonantais /m/ e /n/ são os únicos fonemas plenamente atestados, ao passo que segmentos como [ŋ] e [ɲ] se revelam exclusivamente como variantes alofônicas condicionadas pelo contexto fonético, nunca ocorrendo em oposição contrastiva.

A distribuição dessas alofonias é regular e previsível. O segmento velar nasal [ŋ], anteriormente incluído em inventários fonêmicos prévios, restringe-se ao ambiente de /n/ seguido por consoante velar, sendo resultado de processo de assimilação articulatória. Da mesma forma, a realização palatal [ɲ] surge perante contextos palatais, carecendo igualmente de contraste em relação aos demais segmentos. Não se encontram, em nenhum caso do corpus, pares mínimos envolvendo [ŋ] ou [ɲ] em oposição a outros nasais, corroborando o entendimento de que tais segmentos não possuem autonomia fonêmica na língua Kithãuhlu.

Assim, recomenda-se a alteração do quadro fonológico anteriormente proposto, removendo-se o fonema velar nasal [ŋ] do inventário, bem como, quaisquer sugestões de status fonêmico a variantes contextuais previsíveis. Abaixo, apresenta-se o quadro consonantal ajustado, alinhando-se à suficiência contrastiva e às práticas tipológicas atuais.

QUADRO FONOLÓGICO ATUALIZADO

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
--	--------	----------	---------	-------	--------

Oclusiva	p	t		k	ʔ
Oclusiva pré- nasalizada				ᵑk	
Oclusiva pós- aspirada		t ^h		k ^h	
Nasal	m	n			
Nasal pré- aspirada		^h n			
Tap		ɾ			
Tap pré- aspirado		^h ɾ			
Fricativa		s			h
Africada		ts tʃ			
Africada pré- nasalizada		ⁿ ts			
Glide	w		j		
Líquida		l			
Implosiva					ɖ

Adaptado pela autora, 2025

Além da consolidação do inventário consonantal, cabe ressaltar dois aspectos suprasegmentais e fonéticos que merecem destaque e investigação futura. Em primeiro lugar, a tradição descritiva **da língua Kithāuhlu** refere-se ao fenômeno conhecido como **creaky voice**: um tipo específico de ataque glotal e ressonância vocal **oclusiva**, cuja função linguística e distribuição ainda não foram plenamente esclarecidas.

Em segundo lugar, o sistema tonal do Kithāuhlu figura entre os mais relevantes do ponto de vista tipológico, apresentando tons distintivos que afetam diretamente o significado lexical e sintático de unidades linguísticas. Embora já tenham sido registrados pares mínimos tonais e alternâncias morfológicas motivadas por padrões de altura, a

literatura carece de uma descrição fonológica sistemática dos contornos tonais, da estrutura hierárquica e das interações com prosódia, nasalidade e acento. Recomenda-se, portanto, que investigações futuras integrem métodos de análise acústica rigorosa, além da aplicação de modelos teóricos da fonologia suprasegmental (cf. Ladd, 2008; Yip, 2002), para avançar na compreensão dos aspectos tonais e suprasegmentais da língua Kithãuhlu.

Esta revisão do quadro fonológico, aliada à problematização dos fenômenos segmentais e suprasegmentais, reafirma a importância de abordagens empíricas rigorosas na documentação e descrição de línguas indígenas pouco estudadas. O processo evidencia tanto a riqueza do sistema linguístico da língua Kithãuhlu, quanto a necessidade de continuidade da pesquisa para elucidação de traços ainda subexplorados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo descrever e analisar o processo de nasalização na língua Kithãuhlu, pertencente à família linguística Nambikwara, buscando compreender o funcionamento segmental e suprasegmental do traço [nasal] e suas implicações para a organização do sistema fonológico da língua. A partir da revisão teórica, da contextualização histórico-cultural do povo Kithãuhlu e da sistematização dos dados fonéticos e fonológicos coletados por Passos (2022), foi possível desenvolver uma análise detalhada dos padrões de ocorrência, propagação e bloqueio da nasalidade.

Os resultados apresentados demonstram, em primeiro lugar, que a nasalização constitui um traço fonológico distintivo no sistema vocálico do Kithãuhlu. Os pares mínimos identificados evidenciam que a oposição entre vogais orais, nasais e nasalizadas–laringalizadas é produtiva no léxico da língua, confirmando a necessidade de representá-las no inventário fonêmico. A presença sistemática de três tons lexicais, que interagem com a nasalidade e com padrões de laringalização, reforça também a complexidade prosódica da língua, apontando para a necessidade de estudos específicos sobre o comportamento tonal em contextos de nasalização. No domínio consonantal, a análise confirmou que apenas /m/ e /n/ devem ser reconhecidos como fonemas nasais na língua. As ocorrências de [ŋ] e [ɲ] revelaram-se variantes alofônicas previsíveis, resultantes de processos de assimilação ao ponto de articulação de segmentos adjacentes. Assim, a revisão do quadro fonológico consonantal indica a necessidade de remover o fonema velar nasal proposto em análises anteriores, uma vez que sua distribuição é totalmente explicável por regras fonéticas contextuais.

Além disso, os dados evidenciaram que a nasalização vocálica em Kithãuhlu está sujeita a condicionamentos fonotáticos claros. Em muitos casos, a nasalidade tende a propagar-se para segmentos vizinhos, especialmente quando há consoantes nasais adjacentes ou vogais pertencentes ao mesmo domínio morfológico. Por outro lado, a presença de obstruintes orais e fronteiras morfológicas opera como bloqueadores da propagação, limitando a atuação do traço [nasal] e delimitando os domínios em que a harmonia nasal é possível. Esse padrão confirma que a nasalização na língua é um fenômeno dinâmico, estruturado por restrições segmentais e prosódicas, e não apenas uma propriedade fonética isolada.

Do ponto de vista mais amplo, este estudo contribui para o avanço das pesquisas fonológicas sobre as línguas Nambikwara ao oferecer uma descrição sistemática e

atualizada de aspectos ainda pouco discutidos na literatura. A análise aqui desenvolvida também reforça a importância de abordagens fonológicas sensíveis às especificidades socioculturais e linguísticas dos povos indígenas, sobretudo em contextos em que a documentação encontra-se em estágios iniciais ou intermediários. É importante destacar, no entanto, que este trabalho não encerra as possibilidades de investigação sobre a nasalização no Kithãuhlu. A análise suprasegmental, especialmente no que diz respeito ao papel do tom, à interação entre tonalidade e nasalização e à função linguística da laringalização, ainda demanda estudos mais aprofundados. A realização de análises acústicas sistemáticas, acompanhadas de pesquisas de campo com maior diversidade de falantes, pode ampliar significativamente o entendimento desses fenômenos.

Por fim, espera-se que os resultados aqui apresentados contribuam não apenas para a descrição fonológica da língua Kithãuhlu, mas também para a valorização e preservação da diversidade linguística indígena brasileira. Documentar, analisar e compreender os sistemas fonológicos dessas línguas é, também, uma forma de fortalecer as práticas culturais, identitárias e históricas dos povos que as mantêm vivas. Que este trabalho sirva como base e incentivo para novas investigações e para o reconhecimento contínuo da riqueza linguística do povo Kithãuhlu e da família Nambikwara como um todo.

REFERÊNCIAS

- BLEVINS, Juliette. *Evolutionary phonology: the emergence of sound patterns*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- COSTA, Luciana de Oliveira Moreira da. *O povo Nambikwara e o processo de territorialização indígena em Mato Grosso: cartografia, etnografia e análise histórico-geográfica da formação de territórios indígenas no curso superior do Rio Guaporé–Rondônia e Mato Grosso*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.
- LADD, D. Robert. *Intonational phonology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A organização social dos Nambikwara. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 112, p. 7–25, 1948.
- MADDIESON, Ian. *Patterns of sounds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MARQUES, Luciana. *O sistema fonológico da língua Sabanê*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2022.
- MATISOFF, James A. Rhymes and rhyme structure in Kammu songs. *Journal of Asian and African Studies*, n. 8, p. 165–192, 1975.
- OLIVEIRA, Eliane Camargo; PEREIRA, Fabíola Andréa Silva. Diversidade linguística e segmentação étnica na família Nambikwara. In: VIANA, Vanessa (org.). *Estudos sobre línguas indígenas brasileiras*. São Paulo: Humanitas, 2009. p. 75–98.
- PEREIRA, Fabíola Andréa Silva. Formação e segmentação étnica na família Nambikwara. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, n. 2, p. 63–78, 2009.
- PIB SOCIOAMBIENTAL. Nambikwara: dados gerais. Instituto Socioambiental. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara>. Acesso em: 5 fev. 2018.
- PIKE, Kenneth L. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1971.
- PRICE, David. Nambikwara. In: LÉVI-STRAUSS, Claude et al. (org.). *Handbook of South American Indians*. Washington: Smithsonian Institution, 1972.

TELLES, Stella. A nasalização em línguas indígenas brasileiras. *Estudos Linguísticos*, v. 41, n. 2, p. 85–101, 2012.

VIANA, Vanessa. A diversidade linguística na família Nambikwara. In: VIANA, Vanessa (org.). *Estudos sobre línguas indígenas brasileiras*. São Paulo: Humanitas, 2009. p. 99–120.

WALKER, Rachel. *Nasality and neutral segments*. New York: Garland, 1998.

WALKER, Rachel. *Nasalization, neutral segments, and opacity effects*. New York: Garland, 2000.

YIP, Moira. *Tone*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.